



Jurandir Lima: 74 dias percorrendo 23 mil quilômetros de Brasil

# No Rio, problema é financeiro

## Corcovado lucra, mas arrecadação não é reaplicada

SANDRA SILVA

SÃO PAULO – O Parque Nacional da Tijuca pode ser transformado numa Organização Social, entidade sem fins lucrativos, ligada a órgãos governamentais e ONGs. Esta é, segundo o diretor Pedro da Cunha e Menezes, indicado pelo prefeito Luiz Paulo Conde, a saída mais provável para os problemas que o parque vem enfrentando, como a falta de segurança e limpeza. O próprio dinheiro arrecadado pelo Corcovado – que fica dentro da área –, não é utilizado em sua administração.

“O Ibama utiliza o sistema de caixa único e há o repasse para vários outros parques do país.”

O diretor do Ibama, Sérgio Braga, no entanto, é contrário a essa política. “Todos os parques ficam em cidades e, se as prefeituras passarem a controlá-los, eles não serão mais nacionais.”

O Parque da Tijuca, criado em 1961, tem uma característica peculiar: é um parque tipicamente urbano. “É a maior floresta urbana do mundo”, afirma Jurandir Lima. A área conta com um bom número de fiscais (são 15), sobretudo se comparado com outros parques do país, mas nem assim sua situação é menos precária.

Já o Parque Nacional da Serra da Bocaina é o maior e mais esquecido do Rio de Janeiro. A vegetação

é típica da Mata Atlântica e as trilhas podem ser percorridas a pé. Há gaviões e macucos na região e uma das principais atrações é a Cachoeira de Santo Izidro, que tem 40 metros de altura.

O Parque de Bocaina foi criado em 1972, mas até hoje não houve a demarcação da área, de 100 mil hectares, e os fiscais do Ibama são apenas quatro. O jipe da expedição Chuiapoquens gastou 50 minutos para percorrer 27 quilômetros do parque, até a entrada, por conta das péssimas condições da estrada. “Não dá para chegar lá com um carro comum”, atesta Lima.

A falta de verbas também é grande, segundo ele. “O fiscal toma dinheiro do próprio bolso para botar combustível no jipe.” Para o

chefe da expedição, o principal problema de Bocaina é o da extração ilegal de palmito.

O Parque de Itatiaia, criado em 1937, foi o primeiro parque nacional do Brasil. Na opinião de Lima, tem infra-estrutura razoável e até o esquilo, que foi quase extinto, conseguiu ter a preservação assegurada. “É o animal-símbolo do parque.” O ponto mais alto do Rio de Janeiro fica nessa área: o Pico das Agulhas Negras, com cerca de 2,6 mil metros, considerado o sétimo ponto mais alto do Brasil.

Já o Parque da Serra dos Órgãos, criado em 1939, tem 11.800 hectares, com acesso por Teresópolis. As principais atrações são a serra, o Dedo de Deus e a Pedra do Sino, seu ponto mais alto.

# SOS para os parques nacionais

## ■ Viajante vê abandono e precariedade em áreas que Ibama deveria preservar

SANDRA SILVA

SÃO PAULO – Jurandir Rosa Lima coleciona em sua memória um bom tempo sem banho e 89,5 horas de travessia de balsa, em 74 dias de viagem pelo Brasil. Mas o aventureiro não é nenhum aprendiz de Indiana Jones: ele só decidiu percorrer 23 mil quilômetros do território brasileiro, na expedição Chuiapoquens/98, para verificar as condições dos parques nacionais administrados pelo Ibama. “O nome do projeto saiu dos extremos do País – Oiapoque e Chuí, no Norte (N) e no Sul (S)”, explica.

Na primeira parte da viagem, de 34 dias, Lima saiu de São Paulo, passou pelo Parque Marítimo Lagoa do Peixe (RS), pelo Pantanal Matogrossense (MT), pela Serra da Canastra (MG) e pelo Parque Nacional de Itatiaia (RJ), entre outros. Além disso, percorreu 600 quilômetros do território uruguaio e terminou a viagem em Itatiaia (RJ), totalizando 10.597 quilômetros, sempre acompanhado pelo sobrinho José Lima Rosa Filho.

Na segunda parte da expedição, também iniciada em São Paulo, foi à Chapada dos Veadeiros (GO), passou pelos Lençóis Maranhenses (MA) pelo Monte Pascoal (BA) e chegou ao Parque Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro, acompanhado por Reinaldo de Jesus. O percurso terminou no fim de janeiro e o tempo médio de permanência em cada parque foi de um dia e meio.

**Precariedade** – Lima gostou da aventura, mas lamentou as condições precárias de alguns parques brasileiros. No Parque Nacional da Serra da Bocaina (RJ) por exemplo, há uma placa que desencoraja turistas, ao informar que a rodovia está em “péssimas condições de tráfego”. Fora isso, alguns parques – áreas destinadas à preservação da fauna, flora e recursos naturais – contam com apenas um fiscal do Ibama. É o caso do de São Joaquim, em Santa Catarina.

O diretor do Ibama, Sérgio Braga, reconhece a situação precária dos parques brasileiros, mas sinaliza com mudanças em sua administração. “Estamos estudando parcerias com a iniciativa privada para a recuperação dos parques.”

Na opinião de Lima, o principal problema dos parques é a falta de mão-de-obra. “Os funcionários estão se aposentando e não há reposição.” Outros problemas, ainda segundo ele, são a falta de pagamento de indenizações pelo Ibama aos donos de terras desapropriadas, a invasão de posseiros e a extração clandestina de madeira, além da pesca e da caça ilegais.

Dos parques visitados, nove estavam fechados para visitação, por conta da falta de infra-estrutura – entre eles, o da Ilha Grande (PR), Araguaia (TO), Lençóis Maranhenses (MA) e Serra das Confusões

(PI). O Parque Nacional Lagoa do Peixe, no Rio Grande do Sul, foi o que Lima achou mais bonito, com 182 espécies de aves migratórias e área de 34 mil hectares. “É possível ver flamingos o ano inteiro”, revela.

Mas o melhor parque do país e o que também tem a melhor estrutura para receber turistas é, segundo ele, o da Serra da Capivara. “Nesta área, temos a maior concentração de sítios arqueológicos da América, com pinturas que datam de 50 mil a 60 mil atrás.”

A primeira parte do roteiro foi realizada num jipe de Lima e a segunda, num utilitário da Chrysler, patrocinadora da viagem, que saiu por R\$ 11 mil. Também patrocinaram a expedição a Goodyear, Kodak Profissional e Nikkon, Auto 4 e Jeepoint, entre outros.

**Chuvvas** – O planejamento da viagem durou um ano e a divisão em duas fases ocorreu porque Lima só podia viajar nas férias. Outro motivo é que a expedição teve de adaptar-se às condições climáticas das regiões visitadas. “Não seria produtivo viajar pelo Nordeste no inverno, porque é um período de chuvvas.”

A maior dificuldade foi a travessia da Praia do Cassino, no Rio Grande do Sul, que tem 237 quilômetros. Lima fazia a travessia, quando, por pouco, não houve um naufrágio do jipe. É que ele tentou desviar de um lençol de conchas de 55 quilômetros de extensão e, no meio da escuridão, acabou indo parar nas dunas e, dali, no mar.

A travessia mais cansativa, segundo ele, foi a realizada para chegar ao Parque Nacional do Cabo Orange (AP). Foram 40 horas na balsa, de Belém do Pará até o Amapá e mais 598 quilômetros por terra até o Oiapoque, com muita lama. O carro ficou dois dias atolado.

A chegada de 1999 foi comemorada no Parque Araguaia (TO), bem longe da família, que ficou em São Paulo. Mas o aventureiro garante que a experiência valeu a pena. “Tive a idéia na visita à Chapada Diamantina, quando percebi que as pessoas não conheciam nada sobre os parques nacionais.”

O Ibama tem um projeto de criar sites na Internet, em parceria com a iniciativa privada, para a realização de visitas virtuais aos parques nacionais do Brasil. “O primeiro será o do Parque de Itatiaia, no Rio de Janeiro”, afirma Braga. Atualmente, Jurandir Lima faz palestras gratuitas em escolas e fundações, contando os detalhes da expedição (o e-mail é [chuiapoquens@uol.com.br](mailto:chuiapoquens@uol.com.br) e o telefone é 011/9144-7629). Seu próximo projeto já está definido: será uma expedição pelo Rio São Francisco, que tem 3.100 quilômetros de extensão e é conhecido como “o rio da integração nacional”. “A viagem será em comemoração aos 500 anos do descobrimento do Brasil e terminará em Porto Seguro, na Bahia.”

INSTITUTO  
  
 Documento  
 Fonte: JB  
 Data: 8/3/99 5-4  
 Class: 397